



Katherine Cosby

Mulheres Negras em São Paulo, 1912-1930

Vencendo o primeiro obstáculo: dificuldades de comunicação

A primeira vez que fui ao APESP, estava em meu segundo ano de doutorado, como bolsista do Consórcio de Estudos Negros da Universidade da Califórnia, em 2017. Cheguei aos arquivos sem habilidade para apresentar minhas ideias em língua portuguesa, mas, mesmo assim, os arquivistas fizeram de tudo para me apoiar. Como estrangeira, é ainda mais imprevisível o que você vai encontrar nos documentos de um arquivo. Eu passei algumas semanas lendo os documentos, até que achei os boletins médico-legais¹ que utilizo em minha tese.

Enquanto eu estou escrevendo e estudando história, percebo que sou parte dessa longa história também

Presença da mulher nas geografias negras de São Paulo

Minha pesquisa examina geografias negras e geografia negra na era pós-abolição em São Paulo. O Catálogo de Boletins de Ocorrências do Posto Médico da Assistência Policial (1911-1940) contém informação geográfica que possibilita minha pesquisa. Interrogo o que geografias negras significam ou por que são significantes para a cidade de São Paulo.

Como pesquisadora afro-americana, surpreendeu-me achar norte-americanos e outras migrantes negras nos boletins dos anos 1920, o que me faz lembrar que pessoas sempre estão se movimentando e que o Brasil tem significativa história de receber afro-americanos. Enquanto eu estou escrevendo e estudando história, percebo que sou parte dessa longa história também.

O assunto de raça é bem mais sutil em português do que é, às vezes, no caso dos Estados Unidos na era pós-abolição.

Paciência e sensibilidade para entender sutilezas e diferenças

Como pesquisadora da diáspora Africana, temos que ser pacientes. Nem sempre os documentos que pertencem às vidas das pessoas negras vão aparecer na sua frente ou você vai reconhecer que, aqueles documentos presentes no arquivo, são sobre pessoas negras. O assunto de raça é bem mais sutil em português do que é, às vezes, no caso dos Estados Unidos na era pós-abolição. Durante meu tempo no arquivo, fiz uso de meu treinamento em

Estudos de Feminismo Negro da Universidade da Califórnia e li uma variedade de documentos do final do século dezenove ao início do século vinte.

Visitei o APESP no recesso de verão (inverno para o Brasil) de 2019, então, meu tempo de pesquisa era limitado. Sou muito grata pelo fato de o APESP fornecer tantos recursos online, bem como no atendimento presencial, sobre o conteúdo de tantos documentos que me guiaram e facilitaram minhas pesquisas e a habilidade de achar tudo que precisava.

Heranças históricas e percepção dos impactos nos registros documentais

Depois da minha visita ao arquivo em 2017, voltei no ano seguinte para passar um ano de pesquisa no Brasil, beneficiada pela bolsa *Fulbright-Hays*. Já sabia que ia utilizar os boletins no Catálogo de Boletins

¹ Trata-se da série Boletins de Ocorrências do Posto Médico da Assistência Policial (1911-1940), do Fundo Secretaria de Segurança Pública.

de Ocorrências do Posto Médico da Assistência Policial (1911-1940), mas continuei a procurar evidências das pessoas negras em São Paulo para fortalecer minha pesquisa. Eu acessei vários documentos da época da Primeira República em São Paulo, incluindo requerimentos e contabilidade da renda pública da Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo; mapas da cidade; e Autos Crimes de São Paulo.

Nos anos de pós-abolição, o Estado parou de anotar raça nos documentos oficiais. Isso é um grande desafio para pesquisadores das pessoas negras no Brasil e na América Latina em geral. Entretanto, os médicos e os documentos médicos continuavam a indicar raça no início de século XX. Para a minha pesquisa sobre as mulheres negras na capital de São Paulo, não me serviu pensar linearmente quais documentos poderiam conter informação sobre pessoas negras. A herança de escravidão nas Américas impacta como e onde os pesquisadores acham arquivos das pessoas negras.

E, finalmente, consulte os arquivistas e os bibliotecários no começo de uma pesquisa, porque eles sempre sabem algo que você não sabe.

Estratégias para pesquisa nos arquivos

O essencial para minha pesquisa foi não presumir o que ia achar no arquivo. Tentei ler os documentos como se as informações ali fossem uma completa novidade. No meu caso, foi importante a consulta nos livros publicados pelo arquivo e também livros escritos por funcionários do arquivo, como fiz durante minha pesquisa no APESP. Os livros “Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893)” organizada por Simone Lucena Cordeiro,² “A Civilização do Delegado: modernidade, polícia e sociedade em São Paulo nas primeiras décadas da República, 1889-1930,” por Marcelo Thadeu Quintanilha Martins,³ e “Perus dos Operários na Construção de São Paulo (1925-1945),” por Marcelo Antônio Chaves,⁴ ajudaram-me a aprofundar meus conhecimentos sobre a história de São Paulo. E, finalmente, consulte os arquivistas e os bibliotecários no começo de uma pesquisa, porque eles sempre sabem algo que você não sabe.

Os documentos nos arquivos têm a potencialidade de revelar uma história e perspectivas diferentes dessa história

Expectativas para 2020

Os boletins consultados no APESP contribuíram com a metodologia e o entendimento de territórios e geografias em São Paulo e englobam, pelo menos, a metade das minhas fontes primárias. Estou finalizando minha tese, *Flowers Grew Out of the Asphalt: Black Women's Territories in São Paulo, 1871-1930*. Pretendo ainda nesse ano editar e publicar um livro em inglês e gostaria que fosse traduzido para o português, para ser acessível aos lusófonos.

Aprendendo nos Arquivos e com os silêncios da história

É difícil entender para onde você vai sem entender o passado. Todo ser humano tem uma história, ancestralidade e algo para oferecer ao mundo. E é pouco provável que historiadores e pensadores possam capturar a totalidade da humanidade. Os arquivos são um bom começo para examinar as maneiras de ser humano e as histórias que nós recitamos sobre o passado importam, porque indicam o que é possível para a humanidade no presente e no futuro.

O livro “Silenciando o Passado: poder e a produção da história”, de Michel-Rolph Trouillot,⁵ transformou minha perspectiva sobre arquivo e memória histórica e social. Ele argumenta, entre outras intervenções significantes, que sempre há silêncios em toda história. Para cada história tem outra história, acontecendo simultaneamente, não contada. Os documentos nos arquivos têm a potencialidade de revelar uma história e perspectivas diferentes dessa história.

² CORDEIRO, Simone Lucena (org). *Os cortiços de Santa Ifigênia: sanitarismo e urbanização (1893)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

³ MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. *A civilização do delegado. Modernidade, polícia e sociedade em São Paulo nas primeiras décadas da República, 1889-1930*. Alameda Editorial, São Paulo, São Paulo, 2015.

⁴ CHAVES, Marcelo Antonio. *Perus dos operários na construção de São Paulo (1925-1945)*, Paco Editorial, São Paulo, 2012.

⁵ TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.